

## Introdução

**Heitor Frúgoli Junior**

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1129>

DOI: 10.4000/pontourbe.1129

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Edição impressa**

Data de publicação: 1 Dezembro 2012

**Referência eletrónica**

Heitor Frúgoli Junior, « Introdução », *Ponto Urbe* [Online], 11 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2012, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1129> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1129

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

---

# Introdução

Heitor Frúgoli Junior

---

- 1 É importante iniciar esse texto com algumas palavras sobre o Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC), criado em 2005 <sup>1</sup> e baseado, desde seu início, em princípios de diálogo, reciprocidade e coleguismo entre seus integrantes. No início líamos e discutíamos antropologia – principalmente antropologia urbana, na interface com estudos sociológicos sobre a cidade (principalmente São Paulo), depois abrimo-nos para outras vertentes antropológicas <sup>2</sup> –, o que veio a incluir, aos poucos, a discussão detida de textos de participantes sobre suas próprias pesquisas.<sup>3</sup> Num dado momento, concomitantemente, parte dos integrantes se envolveu numa pesquisa de caráter coletivo, na qual tal espírito de partilha também esteve presente, e cujo dossiê – **Luz, São Paulo** – apresenta os principais resultados. <sup>4</sup>
- 2 Tal perspectiva coletiva e partilhada veio a se mostrar fértil à medida que, para enfrentarmos a complexidade do estudo sobre a Luz, desdobramos a investigação no que vimos a chamar de frentes ou linhas articuladas de pesquisa, partilhadas reciprocamente e em constante diálogo entre si, o que nos auxiliou tanto num eixo diacrônico – sobretudo na definição e redefinição dos caminhos da investigação – quanto sincrônico – presente em descobertas de sujeitos comuns a distintas situações, definição de questões transversais e reconstituição de elos de redes mais amplas de relação. Isso nos permitiu ampliar o trabalho de conexão entre agentes e contextos estudados simultaneamente, com ênfase num levantamento intensivo, do ponto de vista territorial, de redes de relação. Os artigos do presente dossiê de certa forma traduzem os principais achados de cada uma dessas linhas.<sup>5</sup>
- 3 Embora muitas vezes a antropologia busque dar visibilidade e inteligibilidade a contextos marcados por certo desconhecimento – ao menos por parte do antropólogo e de seu contexto mais imediato, cultura ou sociedade –, no caso da presente pesquisa, foi preciso perseguir tais objetivos em outras bases. <sup>6</sup> Trata-se de um bairro da área central paulistana que, pela densidade de processos ali existentes – diversas instituições culturais, planos de intervenções urbanísticas de larga escala, corredores de transporte, uso histórico por parte das classes populares, territorialidades ligadas ao uso de crack, repressões policiais recorrentes –, tornou-se um contexto crescentemente exposto à

mídia, bem como de muitas visões apriorísticas, o que acarretou, portanto, outros tipos de enfrentamento empírico. Tal densidade tem feito com que esse espaço seja, benéficamente, alvo de uma série de recortes disciplinares, embora isso também crie novos desafios, já que embora sejam saberes com certo grau de diálogo, são também análises e interpretações em conflito, que não se “complementam”, o que é obviamente da natureza do diálogo interdisciplinar:<sup>7</sup> urbanismo, ciências da saúde, ciência política, sociologia, estudos sobre substâncias psicoativas, antropologia da cidade etc.

- 4 Nesse sentido, buscamos fazer reconstituições eminentemente etnográficas, *a partir das quais* procuramos compreender e circunscrever as contextualizações mais amplas que esse espaço inevitavelmente inspira. Em determinadas situações, principalmente nas ruas, foi preciso descrever detidamente uma série de acontecimentos que se justapunham ou se sucediam muito rapidamente, como o leitor perceberá em artigos desse dossiê, ou em texto anterior (FRÚGOLI JR; SPAGGIARI, 2010), voltado a uma abordagem antropológica da *cracolândia*<sup>8</sup> como uma territorialidade itinerante.<sup>9</sup> Tais práticas de pesquisa buscam, nesse sentido, se diferenciar de qualquer tipo de “auto-antropologia” (marcada por algum envolvimento profissional mais imediato na própria situação observada, ou pela tentativa questionável de observação da própria prática) ou de atividades militantes, que embora traduzam práticas legítimas de ampliação de direitos, revelam-se muitas vezes limitadas quanto à sua capacidade explicativa.
- 5 Tal densidade de processos remete de certa forma às especificidades da região central de São Paulo – ou, de modo mais geral, às áreas centrais das grandes metrópoles –, que embora crescentemente pesquisada no campo das ciências sociais, é relativamente pouco explorada do ponto de vista antropológico,<sup>10</sup> em comparação, por exemplo, à temática da periferia ou dos bairros periféricos paulistanos, marcados por uma territorialidade diversa, onde existe uma tradição mais significativa de enfoques, do final da década de 1970 ao presente.<sup>11</sup>
- 6 Trata-se, portanto, de uma abordagem de significados articulados à área central paulistana, valendo-se de experiências advindas de pesquisas individuais de vários integrantes nas quais tal região já constituiu ou ainda constitui um interesse especial: Bianca B. Chizzolini, com quem escrevi um artigo nesse dossiê, realizou duas pesquisas: a primeira delas uma etnografia (em parceria) sobre o Edifício Copan (ALMEIDA; CHIZZOLINI, 2008),<sup>12</sup> e posteriormente sobre redes de relação entre moradores da área central de algum modo ligados à questão da requalificação dessa área (CHIZZOLINI, 2009), o que se desdobrou num mestrado em andamento sobre redes que envolvem moradores, comerciantes e proprietários do Centro, dentre outros atores, em torno de práticas ligadas às Ações Locais (criadas pela Associação Viva o Centro); Isadora Z. da Fonseca (2007), que participou da escrita do artigo sobre entidades de atendimento na Luz, fez um estudo prévio sobre o Parque do Gato, que nasceu como projeto de locação social na gestão M. Suplicy (PT, 2001-2004); Julio Talhari, Laís Silveira e Bruno Puccinelli<sup>13</sup> beneficiaram-se das pesquisas de iniciação científica já voltadas a usos de instituições culturais da região da Luz (tema do artigo deles nesse dossiê),<sup>14</sup> o que depois se ampliou com a participação dos mesmos na presente pesquisa coletiva; Natália Fazzioni, que participa do texto sobre práticas de choro e samba que integra o dossiê, realizou uma pesquisa de iniciação científica<sup>15</sup> que se desdobrou no seu mestrado, recentemente finalizado, a respeito de territorialidades do bairro da Lapa, na área central do Rio de Janeiro (2012).<sup>16</sup>

- 7 Passemos então ao contexto da pesquisa propriamente dito, começando com eventos mais recentes: durante janeiro de 2012, novas tentativas ostensivas da polícia para retirar usuários de crack das ruas da região da Luz – estigmatizada há décadas como a *cracolândia* – ganharam forte visibilidade da mídia impressa e também televisiva. Destacaram-se novos temas bem como questões mais antigas, com alcances variados, mas com crescente realce: a polêmica das internações involuntárias (almeçadas pelo poder público e obstadas por profissionais da saúde); novas dispersões territoriais dos usuários de crack por diversos bairros (com prejuízo para o atendimento feito por distintas entidades locais, sobretudo ONGs); comportamentos defensivos das populações locais (alvos de fiscalizações e novas demolições pela prefeitura); articulações de ativistas contra a violência policial e pelos direitos humanos; investigações do Ministério Público Estadual sobre critérios e práticas das operações policiais em andamento; caracterizações mais precisas sobre os usuários de crack pela imprensa (incluindo mulheres grávidas, ou então parentes em busca de usuários na área em questão); ações diversificadas e capilares do tráfico.<sup>17</sup>
- 8 Tais ações de repressão integram uma série de intervenções de longo prazo do poder público na região. Trata-se, como já dito, de uma área central com significativos equipamentos urbanos, edifícios tombados pelo patrimônio e diversas instituições culturais (algumas delas restauradas ou reformadas para a ampliação de seus públicos frequentadores), cuja consolidação local se deve a ações recorrentes do poder público pelo menos desde meados dos anos 1980. Nessa última esfera, vale mencionar o projeto Luz Cultural (FRÚGOLI JR., 2000, p.72-3, p.103-109), seguido de intervenções sobretudo de governos estaduais (ligados ao PSDB), articuladas a programas de abrangência nacional (KARA-JOSÉ, 2007). Em meados da década passada, entretanto, um novo projeto urbano mais abrangente de requalificação foi lançado, então pela prefeitura, chamado “Nova Luz” (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, dez./2005),<sup>18</sup> cujas ações posteriores têm sido marcadas por uma ampliação considerável de conflitos e polêmicas, principalmente após a aprovação da lei de concessão urbanística, em meados de 2009, que dá poderes especiais e inéditos à iniciativa privada, com a previsão de desapropriação de dezoito quarteirões na região do Centro (Magalhães, 23/4/2009).
- 9 Tal como outros espaços do centro de São Paulo, a região da Luz é historicamente marcada por forte ocupação popular de suas áreas públicas, com práticas de prostituição feminina (e com a participação mais tardia de travestis), além de atividades ilícitas que dialogam com um imaginário ligado à chamada “Boca do Lixo”, área de uma geografia incerta do centro paulistano identificada pela marginalidade, que entre a década de 1960 e 1980 veio a ser um espaço de produção de um “cinema marginal” – sobretudo filmes pornoeróticos (PERLONGHER, 1987, p.76-86; BARROS; LOPES, 15/6/2004). É assinalável a existência de muitos cortiços, do pequeno comércio e do comércio informal, e desde os anos 1990, das ocupações de edifícios vazios pelos movimentos de sem-teto, o que configura uma área popular marcada por forte heterogeneidade de atores sociais e usos do espaço, que teriam em comum a busca de benefícios da localização central: a proximidade a oportunidades de trabalho (incluindo o informal), serviços e equipamentos urbanos (FRÚGOLI JR., 2006; KOWARICK, 2007; AQUINO, 2010; RIZEK, 2011).
- 10 Os conflitos decorrentes dos distintos interesses em jogo, o acirramento das disputas em torno dos direitos ao uso do espaço e a ampla cobertura da mídia tendem a ressaltar uma *realidade polarizada e dicotômica* – sintetizada no contraponto entre Nova Luz e *cracolândia* (ou revitalização vs. degradação<sup>19</sup>) – que de certa forma deixa pouco visível uma

população mais ligada ao bairro – moradores, comerciantes, frequentadores de espaços mais populares etc. –, cuja presente pesquisa buscou reconstituir-lhes certas práticas espaciais, redes de relação locais e representações.

- 11 Trata-se também de pensar, nas especificidades da contribuição antropológica e etnográfica, o conceito de bairro, tendo em vista sua análise através de olhares diferenciados, além das distinções entre pesquisa e intervenção (CORDEIRO; COSTA, 1999; MAYOL, 2008 [1994]; AUTHIER *et al*, 2006). Cabe assinalar como tal enfrentamento ganha complexidade quanto ao contexto em questão: vários estudos nomeiam a Luz como um bairro,<sup>20</sup> incluindo o presente – dado que há dimensões de relação e sociabilidade a serem efetivamente reconstituídas. Torna-se necessário, por outro lado, abordar tal contexto como uma região,<sup>21</sup> dado que geralmente os alvos de interesse de vários enfoques acabam por abranger áreas mais amplas, o que também se deu em nossa investigação. É preciso inclusive levar em conta que não há uma circunscrição oficial precisa sobre os limites da Luz (genericamente, a mesma integraria o distrito do Bom Retiro – nome, por sinal, de um bairro limítrofe), isso sem falar do papel desempenhado por diversos programas de intervenção pública no sentido de nomear (e assim, instituir) o território, de formas distintas e justapostas – ligados à melhoria de instituições culturais, de edifícios tombados pelo patrimônio ou a planos de reabilitação habitacional (CARVALHO; SCHICCHI, 2007). Todos esses fatores estariam mais recentemente englobados pela polaridade há pouco mencionada, entre um projeto municipal que delimita uma determinada área para uma intervenção de grande porte (Nova Luz), ao mesmo tempo em que se beneficia ou mesmo amplia a estigmatização da região (*cracolândia*), ao passo que os diversos atores sociais ligados de algum modo ao lugar tendem a lidar com tais representações, com outras já existentes ou partilhadas, ou ainda criar novas. O presente enfoque antropológico procura compreender principalmente as práticas e representações desses últimos agentes, mesmo tendo em vista ser comum que a menção de residentes, frequentadores ou transeuntes à Luz (e não exclusivamente a esse bairro), situada na área central, se entrelace à do próprio Centro (FRÚGOLI; SPAGGIARI, 2010; FRÚGOLI JR., 2000). Como se verá ao longo desse dossiê, predomina o modo como os espaços investigados são alvos de usos, interações e representações situadas para além da polarização em questão, ainda que por vezes o acirramento de certos embates possa recriar determinados campos como que bastante antagônicos.

Imagem 1



- 12 Isso nos leva à necessidade de situar uma perspectiva analítica que busca ressaltar certas especificidades, sobretudo aquelas reconstituíveis através de práticas etnográficas com foco principalmente nas ruas e nas práticas espaciais dos sujeitos, através das quais uma série de temas transversais podem se revelar (FRÚGOLI JR., 2007; 2009; FREHSE, 2009). A vinculação (ainda que não exclusiva) às ideias de De Certeau (1994 [1980]) não é fortuita: trata-se de enfrentar questões relacionadas à capilaridade do poder e sua espacialidade reconhecendo as contribuições de Foucault (1977), mas buscando captar procedimentos táticos infinitesimais cujas práticas disseminadas (para além de resistências ou inércias) são marcadas por discursos silenciados a serem desvelados através da investigação. Trata-se, portanto, de incorporar criticamente as posições foucaultianas, numa busca mais precisa de aspectos reveladores da agência humana (ORTNER, 2006). Desse modo, há uma atenção especial às articulações entre práticas espaciais (a mais elementar dessas, o próprio caminhar pela cidade) e os relatos sobre as mesmas, na busca de uma multiplicidade dos modos de apropriação do espaço praticado (DE CERTEAU, 1994 [1980]; DOSSE, 2004).<sup>22</sup>
- 13 Paralelamente, procura-se atentar à dimensão do cidadão, entendido como aquele que ocupa espaços urbanos, desloca-se por vários territórios e estabelece relações de proximidade e distância com outros cidadãos em contextos específicos e situados (SIMMEL, 2005 [1903]; 1971 [1917]; JOSEPH, 2005 [1998]; AGIER, 2011). Tal figura engloba a do transeunte e a do cidadão, cuja ênfase analítica (nesse último) pode ressaltar dimensões políticas significativas, mas cuja desatenção ao caráter situacional e relacional de sua experiência urbana conduz aos riscos de uma análise concentrada no indivíduo moderno, atomizado e idealizado pela filosofia política contratualista (JOSEPH, 2005 [1998]).

- 14 Passemos então a uma breve apresentação dos artigos do presente dossiê. No artigo I – “Moradias e práticas espaciais na região da Luz”, escrito por Bianca B. Chizzolini e por mim –, com base num mapeamento inicial que revelava um quadro heterogêneo de possibilidades, buscamos testar as redes e conexões formadas a partir da interação inicial com um morador que se dispôs a nos receber em seu apartamento. Embora se costume dizer que muitos residentes estariam totalmente isolados em suas casas ou apartamentos por causa da *cracolândia*, há evidentemente aqueles que não deixam de se apropriar e de se locomover por vários espaços, estabelecendo certas estratégias para tanto. Há de todo modo situações bem mais preocupantes para vários moradores, como as relacionadas a eventos e tensões que se manifestam nos próprios edifícios analisados, como agressões, ameaças, práticas marcadas por distintos graus de ilegalidade, ações internas de especulação imobiliária ou lutas em torno da definição de prioridades no uso de recursos condominiais. Algumas dessas dimensões conflituosas (menos visíveis à primeira vista) guardam certas relações ou são potencializadas pelo conjunto de intervenções urbanas em curso naquele espaço, mas informam sobre um quadro mais abrangente do que as temáticas ligadas apenas às dinâmicas de requalificação urbana.
- 15 Avancemos para o tema seguinte. A presença de usuários de crack nas ruas da região da Luz <sup>23</sup> data do início da década de 1990 (UCHÔA, 1996), <sup>24</sup> o que influenciou na construção de uma estigmatização da região como *cracolândia*, recorrente na mídia impressa, embora durante a pesquisa captássemos uma menção mais comum aos próprios usuários, os *noias*, ou seja, uma ênfase às pessoas em detrimento de um espaço específico (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010). <sup>25</sup> Apesar de tal área ser encarada pela ótica do abandono, a mesma é alvo de uma série de ações de entidades voltadas não apenas aos usuários de crack, mas a outros grupos vulneráveis, eventualmente também envolvidos com o uso do crack: população de rua (incluindo crianças de rua), mulheres e travestis em situação de prostituição, catadores de material reciclável etc. Uma das entidades com a qual houve uma significativa interação na pesquisa foi a “É de Lei”, que atua na área de redução de danos junto a usuários de crack, com ações nas ruas da região da Luz e um centro de convivência. Através do acompanhamento do atendimento dessa entidade, foi possível não apenas ver de perto muitas situações envolvendo tais usuários, bem como reconstituir um campo de mediação assinalado também pelas ações de policiais, seguranças particulares, lojistas, moradores, transeuntes e agentes ligados a entidades públicas, ONGs, igrejas e ao tráfico de drogas. Como já dito, tais observações permitiram que aos poucos compreendêssemos essas relações (entre os usuários, bem como desses com os outros agentes em questão) como uma modalidade de territorialidade itinerante (PERLONGHER, 1987), concentrada na área da Luz, com ocupações flexíveis do espaço (ARANTES, 2000), a depender do tipo de intervenção a que são submetidos; em períodos de repressão mais sistemática, passam a ocupar de forma mais permanente outros espaços da cidade (principalmente na área central), prática essa adotada, em escalas distintas, pelo menos desde 2000 (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010).
- 16 Isso enseja o artigo II do dossiê – “Etnografia da atuação de entidades sociais na região da Luz”, escrito por Enrico Spaggiari, Wesley E. Rodrigues e Isadora Z. da Fonseca –, centrado nas ações de agentes do Grupo Mulher, Ética e Libertação e da Pastoral da Mulher Marginalizada (ligada à Igreja Católica), que atuam nas ruas junto às mulheres em situação de prostituição, na qual o uso do crack tem se tornado um tema de preocupação crescente. Há também entidades ligadas ao campo evangélico, como a Comunidade Evangélica Nova Aurora, cujo atendimento ocorre nas dependências da associação,

voltado a um arco mais amplo de sujeitos – crianças de rua, prostitutas, moradores de rua, travestis e usuários de drogas –, com ações mediadas pela tentativa mais explícita de conversão religiosa. Mais recentemente, a Igreja Batista também criou na região uma ação assistencialista combinada à tentativa de conversão centrada nos usuários de crack, cujas atividades se concentram num espaço denominado “Cristolândia”. Em suma, há nessa região uma série de entidades diferenciadas quanto a interesses de ação, estrutura de organização, captação de recursos, serviços oferecidos e formas de atuação dos agentes – cujo uso do crack é uma prática recorrente, embora não totalizante –, o que envolve basicamente tentativas distintas de criação de vínculos de reciprocidade mais duradouros.

- 17 O artigo III – “Reflexões em torno de práticas culturais na Luz”, escrito por Julio Talhari, Laís Silveira e Bruno Puccinelli – busca mapear as tentativas de transformação da região num “bairro cultural”, decorrentes de uma política voltada ao fortalecimento das suas instituições culturais desde meados dos anos 1980, o que propiciaria um novo afluxo das classes médias e altas a essa área. Volta-se primeiramente à análise do público frequentador da Sala São Paulo (sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, situada no interior da Estação Júlio Prestes), com destaque para os frequentadores regulares das apresentações noturnas da orquestra, sobretudo os assinantes das mesmas, a partir dos quais foi reconstituída uma rede de voluntários que amparou as atividades da orquestra nos primórdios da nova sede. Posteriormente, enfoca-se a Pinacoteca do Estado (situada no Parque da Luz), com respeito a aspectos de sua organização interna, bem como suas diversas relações com o parque, com vistas à compreensão de possíveis interações entre os públicos frequentadores de ambos os espaços. Isso levou à reconstituição de um conjunto de relações populares no interior do parque e de uma parcela de frequentadores da Pinacoteca que também aprecia certa circulação pelo mesmo espaço público, embora constituam dinâmicas de sociabilidade distintas.
- 18 Por fim, pode-se apresentar o artigo IV – “Choro e samba na Luz: etnografia de práticas de lazer e trabalho na R. Gal. Osório”, escrito por Guilherme A. Aderaldo e Natália H. Fazzioni – voltado à observação, aos sábados, de interações delimitadas pela loja de instrumentos musicais Contemporânea e o bar e lanchonete Amarelinho (também conhecido como Zebrinha), nos quais se privilegiou a análise das dinâmicas de sociabilidade, através do contato com funcionários, proprietários, músicos, frequentadores e moradores. Na Contemporânea, uma roda de choro reúne músicos e ouvintes em geral mais idosos. Quando a mesma se encerra, parte dos habitués se dirige ao samba do bar Amarelinho, próximo dali. O público do mesmo aos sábados é bastante diversificado, mas predominantemente adulto. O grupo responsável pela música é o “Centro do Samba”, que tem certo apreço pelo lugar, mesmo reconhecendo que sua localização possa afugentar frequentadores. Aos poucos, foi possível aproximarmo-nos da proprietária do estabelecimento, onde se revelou uma série de estratégias do empreendimento, o que inclui vários acordos com a Secretaria de Estado da Cultura, bem como orientação aos garçons para ações incisivas contra eventuais usuários de crack (embora isso se volte contra um arco mais abrangente de fregueses).
- 19 A presente pesquisa busca trazer, portanto, uma contribuição para a compreensão antropológica de uma região localizada na área central da cidade de São Paulo, sujeita a uma série de intervenções urbanísticas, cujas ações e disputas resultam numa ampliação considerável dos temas para análise, com uma densidade e abrangência que não podem ser englobadas facilmente por uma análise comprometida com a observação detida e

parcial de determinadas interações, lugares e situações. Além disso, as tensões e conflitos em andamento envolvem buscas de soluções de extrema complexidade cuja pesquisa pode colaborar apenas parcialmente. É também preciso pontuar que houve avanços etnográficos significativos quanto à intenção de observar bem como relacionar situações pesquisadas, mas em vários momentos foi necessário interromper a investigação, pelos riscos envolvidos, por recusas (pessoais ou institucionais) ou mesmo pela dificuldade em rastrear certos processos. Desse modo, pode-se dizer que em certos momentos o bairro e região da Luz abarcam dinâmicas bastante abrangentes cuja contribuição analítica deve ser criteriosa e precisa quanto aos achados, evitando ser especulativa ou normativa.

- 20 Buscamos enfrentar tais questões com um olhar atento aos entremeios e interstícios de certa polarização, expressa no já mencionado contraponto Nova Luz-*cracolândia*, acionado de forma extremamente recorrente quanto à região, o que evidentemente explicita ou deixa mais nítidos certos conflitos, mas que ao mesmo tempo tende a encobrir outras questões pertinentes ou agentes constitutivos daquele contexto. A própria noção de *cracolândia* ganhou aqui em tratamento etnográfico, revelando-se uma nítida territorialidade itinerante, com tendência a gravitar pela área estudada, embora com a capacidade de migrar para outras regiões mais próximas ou longínquas, o que questiona a obsessão em atribuir-se-lhe uma territorialidade fixa, bem como evidencia a necessidade de uma ação local, mas que não se iluda com uma resolução apenas local. Vimos também que muitos embates em andamento naquele contexto adquirem contornos que extrapolam as dinâmicas de intervenção urbana e de luta contra as mesmas. Além disso, foi possível perceber um conjunto de redes e conexões entre os agentes que ocupam tais espaços, o que relativiza certa ideia de mundos sociais isolados e em permanente oposição.
- 21 É evidente que tais polaridades não se restringem a um plano retórico, já que, principalmente determinadas intervenções do poder público – como as repressões policiais mais duradouras contra os usuários de crack e outras ilegalidades da região, ou mesmo quando da definição de novas leis que podem vir a agilizar as demolições e a criação de outra paisagem urbana – ajudam a reafirmar e fixar uma representação de mundos totalmente distintos e em oposição. Claro que não se trata de um simples processo de definição de campos em oposição, mas de redefinição processual dos mesmos, como no caso (não aprofundado nesse dossiê) de uma associação local (Associação dos Comerciantes do bairro da Santa Ifigênia) que inicialmente entendeu que poderia colaborar e se beneficiar do projeto Nova Luz, até constatar que o mesmo poderia ser bastante prejudicial aos seus próprios interesses, quando então passou a combatê-lo de forma explícita.<sup>26</sup> Por vezes, podem mesmo surgir associações decorrentes do próprio panorama de intervenções, como no caso da Associação Amo a Luz,<sup>27</sup> formada por moradores, cuja representatividade e legitimidade têm sido construídas gradativamente, a posteriori. Desse modo é importante assinalar a constatação, ao longo da própria pesquisa, da emergência de certos agentes políticos locais e mesmo da visibilidade mais ampla a respeito de processos em curso. Se nas primeiras etapas da investigação fora possível, por exemplo, interagir tanto com moradores como com comerciantes que, atingidos pelas primeiras intervenções (havidas em 2007), tiveram que lidar isoladamente com tais impactos, o desdobramento de tal processo – seja pela contundência de novas intervenções urbanísticas,<sup>28</sup> seja pelas apreensões suscitadas pela já mencionada lei de concessão urbanística – fez no conjunto com que certa organização política local ganhasse relevo.

- 22 Pode-se certamente observar a existência de vários conflitos, embora mais diversificados do que a polaridade já mencionada permite entrever. Retomando um argumento anterior, é possível dizer que *o lugar dos conflitos* se desloca, principalmente do ponto de vista dos atores sociais envolvidos cotidianamente com aquele contexto. Vimos, nesse sentido, relatos nos quais os usuários de crack não seriam evitados a todo custo, mas incorporados por certas trocas que incluem conversas, doações ou eventualmente relações pessoalizadas mais duradouras. Há de todo modo situações bem mais apreensivas para vários moradores, como as relacionadas a conflitos e eventos que se manifestam, como já dito, nos próprios edifícios analisados.
- 23 Desse modo, nossa contribuição passa por um olhar etnográfico atento a agentes e processos menos visíveis à primeira vista, nos quais os interesses e conflitos em questão remetem diversas vezes a dimensões distintas daquelas mais mencionadas com relação àquele contexto, embora possam estar justapostas às mesmas. De toda forma, vários agentes lidam com tais situações sem um posicionamento político (favorável ou contrário às intervenções em curso) a priori, mas que se constrói a partir da avaliação das forças e alianças possíveis, o que por vezes inclui acordos parciais ou conjunturais com o poder público. Isso se observa tanto no plano de decisões políticas mais cruciais, quanto no direito pela permanência local, o que inclui o modo de se apropriar do espaço urbano e interagir com outros agentes – estigmatizados ou não – no próprio cotidiano.
- 24 Antes que o leitor adentre os artigos do presente dossiê, gostaria de agradecer ao apoio fornecido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); a todos os sujeitos pesquisados; àqueles que colaboraram com críticas ou sugestões quando das apresentações de papers ligados a essa investigação; aos pesquisadores do GEAC que, além da pesquisa propriamente dita, se envolveram num árduo trabalho de escrita dos artigos; aos participantes de etapas anteriores da pesquisa;<sup>29</sup> a Alison Jane Francis pelas traduções para o inglês; a José Guilherme Magnani, coordenador do Núcleo de Antropologia Urbana (com quem temos uma parceria frutífera), que acolheu de forma animadora a proposta de inserção desse dossiê na Ponto Urbe; finalmente, a Enrico Spaggiari, pelo forte envolvimento com o GEAC, cujo trabalho e coleguismo foi vital para que a presente publicação se concretizasse.

Seminário “Usos e intervenções no bairro da Luz” (GEAC/USP), com Cleone Santos (GMEL) e Bruno Ramos Gomes (É de Lei), nov./2009



FOTO DA PESQUISA DO GEAC

Obras posteriores às demolições na região da Luz (2009)



FOTO DA PESQUISA DO GEAC

**Instalação de fogo do grupo francês Carabosse no Parque da Luz (Virada Cultural, 2009)**



**FOTO DA PESQUISA DO GEAC**

Em “audiência pública” no auditório do Anhembi (2011), comerciantes da Sta.



**ÍFIGÊNIA PROTESTAM CONTRA O PROJETO NOVA LUZ**  
**FOTO DA PESQUISA DO GEAC**

**Casa antes ocupada por usuários de crack**

**“CHURRASCO” DE PROTESTO CONTRA A AÇÃO DA POLÍCIA NA CRACOLÂNDIA, JAN/2012**

FOTO DA PESQUISA DO GEAC

---

## BIBLIOGRAFIA

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALMEIDA, J.; CHIZZOLINI, B. **Do maciço ao mito: uma etnografia do Edifício Copan**. Texto para o simpósio VI Graduação em Campo, Núcleo de Antropologia Urbana da USP. São Paulo, setembro de 2008 (não publicado).

ALMEIDA, R.; D’ANDREA, T.; DE LUCCA, D. **Situações periféricas: etnografia comparada de pobreza urbanas**. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, nº 82, nov./2009, p. 109-130.

AQUINO, Carlos F. **A construção do centro de São Paulo como arena política dos movimentos de moradia**. Ponto Urbe (NAU-USP), v. 6, p. 1, 2010. <http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/120-a-construcao-do-centro-de-sao-paulo-como-arena-politica-dos-movimentos-de-moradia>

ARANTES, Antonio A. **A guerra dos lugares**. In: Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas: Ed. Unicamp, 2000, p. 103-129.

- AUTHIER, Jean-Yves; BACQUÉ, Marie-Hélène; GUÉRIN-PACE, France (ed.). **Le quartier: enjeux scientifiques, action politiques et pratiques sociales**. Paris: La Découverte, 2006.
- BLOTA, João; VIEIRA JR., Rafael. **Nóia: a biografia de quem sobreviveu 15 anos nas drogas**. São Paulo, Ed. 300, 2012.
- BOURGOIS, Philippe. **In search for respect: selling crack in El Barrio**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2003, 2nd ed.
- CALDEIRA, Teresa P. R. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Apresentação**. In: Caldeira, T. P. R. (org.). Ruth Cardoso: obra reunida. São Paulo: Mameluco, 2011, p. 8-38.
- CAPUSSO, Marina A. **Mudanças no centro de São Paulo: o papel do Fórum Centro Vivo**. Bolsa PIBIC/ USP/ CNPq, ago./2007- dez./2008.
- CARVALHO, Juliana N. B.; SCHICCHI, Maria C. S. **A área da Luz em São Paulo: reabilitação de edifícios históricos vs. recuperação urbana**. Os Urbanitas. Revista de Antropologia Urbana, fev./2007, n. 5, vol. 4, <http://www.osurbanitas.org/osurbanitas5/Carvalho&Schicchi2007.html>
- CHIZZOLINI, Bianca B. **Tecendo a rede: uma etnografia de moradores do centro de São Paulo entre discursos e práticas de requalificação**. Bolsa IC/PRP/USP, nov./2008-ago./2009.
- CORDEIRO, Graça Í.; COSTA, António F. **Bairros: contexto e intersecção** in Velho, G. (org.). Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal, Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1999, p. 58-79.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994 [1980].
- DE LUCCA, Daniel. **Sobre o nascimento da população de rua: trajetórias de uma questão social**. In: Cabanes, R.; Georges, I.; Rizek, C. S.; Telles, V. S. (orgs.). Saídas de emergência: ganhar/ perder a vida na periferia de São Paulo. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 317-336.
- DOSSE, François. **O espaço habitado segundo Michel de Certeau**. ArtCultura, n. 9, vol. 6, jul.-dez./2004, p. 81-92, <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1373>
- DURHAM, Eunice R. **Depoimento**. In: Caldeira, T. P. R. (org.). Ruth Cardoso: obra reunida. São Paulo: Mameluco, 2011, p. 40-48.
- ECKERT, Cornelia. **Cidade e política: nas trilhas de uma antropologia da e na cidade no Brasil**. In: Martins, C. B. & Duarte, L. F. D. (orgs.). Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia. São Paulo: Anpocs, 2010, p. 155-196.
- FAZZIONI, Natália H. **A vista da rua: etnografia da construção de espaços e temporalidades na Lapa (RJ)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – USP: São Paulo, 2012.
- FELTRAN, Gabriel S. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Ed. Unesp/CEM/Cebrap, 2011.
- FONSECA, Isadora Z. **Favelados e ex-favelados no centro de São Paulo: estudo do Parque do Gato e do Olarias**, Bolsa PIBIC/USP/CNPq, set./2006- jul./2007.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FREHSE, Fraya. **Usos da rua** in Fortuna, C. & Leite, R. P. (orgs.). Plural de cidade: léxicos e culturas urbanas. Coimbra: Almedina, 2009, p. 151-170.
- FREHSE, Fraya; LEITE, Rogerio P. **Espaço urbano no Brasil**. In: Martins, C. B. e Martins, H. H. T. S. (orgs.). Horizontes das Ciências Sociais: Sociologia. São Paulo: Anpocs, 2010, p. 203-251.

FRÚGOLI JR., H.; SPAGGIARI, E. **Da cracolândia aos noias: percursos etnográficos no bairro da Luz**. São Paulo: Ponto Urbe, v.6, 2010, <http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/118-da-cracolandia-aos-noias-percursos-etnograficos-no-bairro-da-luz>.

FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez/ Edusp, 2000.

\_\_\_\_\_. **Intervention dans les espaces centraux des villes brésiliennes, le cas de São Paulo** in: Rivière D'Arc, H. & Memoli, M. (ed.), *Le pari urbain en Amérique latine*. Paris: Armand Colin, 2006, p. 133-147.

\_\_\_\_\_. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. **A cidade no diálogo entre disciplinas**. In: Fortuna, C. e Leite, R. P. (orgs.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009, p. 53- 67.

GOMES, Bruno. R.; ADORNO, Rubens. C. F.. **Tornar-se “noia”: trajetória e sofrimento social nos “usos de crack” no centro de São Paulo**. *Etnográfica* (Lisboa), v. 15, p. 569-586, 2011.

GREGORI, Maria F. **Viração: experiências de meninos nas ruas**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

GUIMARÃES, Lais B. M. **Luz**. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico/ Prefeitura do Município de São Paulo (Coleção História dos bairros de São Paulo), 1977.

JOSEPH, Isaac. **A respeito do bom uso da Escola de Chicago**. In: Valladares, L. P. (org.). *A Escola de Chicago: impactos de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte & Rio de Janeiro: Ed. UFMG/ IUPERJ, 2005 [1998], p. 91-128.

KARA-JOSÉ, Beatriz. **Políticas culturais e negócios urbanos: a instrumentalização da cultura na revitalização do centro de São Paulo (1975-2000)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

KOWARICK, Lúcio. **Áreas centrais de São Paulo: dinamismo econômico, pobreza e políticas**. São Paulo: Lua Nova nº 70, p. 171-211, 2007.

LABATE, Beatriz C. *et al* (org.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996 [1955].

MACEDO, Carmen C. **A reprodução da desigualdade**. São Paulo: Hucitec, 1979.

MAGNANI, José Guilherme C. **A festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **As cidades de Tristes Trópicos**. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, vol. 42, nº 1-2, 1999.

MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo (orgs.). **São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais**. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2005.

MAYOL, Pierre. **Morar**. In: De Certeau, M.; Giard, L.; Mayol, P. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2008 [1994], p. 37-185.

MELO, José Arnaldo F. de. **Cidade-espetáculo & periferias pútridas: o projeto Nova Luz da Prefeitura de São Paulo (2002-2010) sob a égide do saneamento**. In: Szmrecsányi, M. I. (org.). *Da sociedade moderna à pós-moderna no Brasil: permanências e mudanças urbanas, séculos XX-XXI*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2011, p. 289-310.

MINGARDI, Guaracy; GOULART, Sandra L. **As drogas ilícitas em São Paulo: o caso da cracolândia**. *Coleção Revista ILANUD*, n. 15, 2001.

- MOREIRA, Carolina M. **Intervenções urbanas contemporâneas: o caso da área da Luz no centro de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). USP: São Paulo, 2008.
- NASCIMENTO, Érica P. **É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – USP: São Paulo, 2012.
- ORTNER, Sherry. **Anthropology and social theory: culture, power and the acting subject**. Durham and London: Duke University Press, 2006.
- PEIXOTO, Paulo. **Requalificação urbana**. In: Fortuna, C. & Leite, R. P. (orgs.). Plural de cidade: novos léxicos urbanos. Coimbra: Almedina, 2009, p. 41-52.
- PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril**. São Paulo: Brasiliense, 1987, 2ª ed.
- PUCCELLI, Bruno. **Territórios sexuais: análise de sociabilidades homossexuais no shopping gay de São Paulo**. Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, v. 2, n. 1, Ponta Grossa: UEPG, jan.-jul./2011, p. 133-140.
- RIZEK, Cibele S. **Intervenções urbanas recentes na cidade de São Paulo: processos, agentes, resultados**. In: Cabanes, R.; Georges, I.; Rizek, C. S.; Telles, V. S. (orgs.). Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 339-357.
- RUI, Taniele C. **Corpos abjetos: etnografia em cenário de uso e comércio de crack**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UNICAMP: Campinas, 2012.
- SILVA, Selma L. **Mulheres na Luz: uma etnografia dos usos e preservação no uso do crack**. Dissertação (Mestrado em Práticas de Saúde Pública), USP, São Paulo, 2000.
- SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**. Mana, vol. 11, n. 2, out./2005 [1903], p. 577-591.
- \_\_\_\_\_. **Sociability**. In: Levine, D. N. (ed.). Simmel: on individuality and social forms. Chicago/London: Chicago University Press, 1971 [1917], p. 127-140.
- TELLES, V.; CABANES, R. (orgs.). **Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios**. São Paulo: Humanitas, 2006.
- UCHÔA, Marco A. **Crack: o caminho das pedras**. São Paulo: Ática, 1996.
- VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: Velho, G. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981 [1978], p. 121-132.

## ANEXOS

Matérias da imprensa, documentos e outros

BARROS, Carlos J.; LOPES, Laura. A Boca do Lixo ainda respira. Repórter Brasil, 15/6/2004, <http://www.repórterbrasil.com.br/exibe.php?id=41>, acesso em 1/3/2012.

MAGALHÃES, Vagner. Kassab diz que terá gabinete na Cracolândia. Portal Terra, 23/4/2009, <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI3720836EI78 96,00Kassab+diz+que+tera+gabinete+na+Cracolandia.html>, acesso em: 23/4/2009.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Nova Luz (Lei 14.096 de 8/12/2005)**. São Paulo: dez./2005.

## NOTAS

1. Formado por meus orientandos e por outros interessados em nossas temáticas de reflexão e debate.
2. Pode-se dizer que tal experiência instigou-me a escrever um pequeno livro – “Sociabilidade urbana” (2007) – no qual basicamente tracei uma genealogia de conceitos referenciais na antropologia da cidade, além da abordagem sobre contrapontos entre as figuras do cidadão e do cidadão, explorando o caráter relacional das modalidades de interação criadas e dissolvidas na cidade. Dessa forma, foi possível articular um campo parcial de referências transversais entre os participantes daqueles debates, mesmo reconhecendo, evidentemente, que cada orientando ou participante incorporou de forma seletiva tais referências, com base nos desafios e metas estabelecidos em suas pesquisas.
3. Tal dinâmica se inspirou em minhas experiências anteriores, tal como um grupo de estudos (de curtíssima duração) formado em meados da década de 1980 nas Ciências Sociais (USP) para a leitura e debate de textos antropológicos, do qual participaram Eunice Durham e José Guilherme Magnani. Antes, participei brevemente num grupo de estudos ligado a Ruth Cardoso no CEDAC (Centro de Estudos e Documentação para a Ação Comunitária, do qual ela foi uma das fundadoras, junto a Eunice Durham, José Augusto de Guilhon Albuquerque e Guita Grin Debert). Sobre a importância de tais grupos de estudo e discussão para a antropologia urbana em São Paulo, ver Caldeira (2011) e Durham (2011). Já os debates no GEAC sobre projetos de pesquisa inspiraram-se em minhas experiências vividas nos seminários de projeto no mestrado e doutorado na USP.
4. Esse dossiê baseia-se em pesquisa por mim coordenada no âmbito do GEAC, tendo sido desenvolvida com o apoio do CNPq em dois projetos: o Universal (Edital MCT/CNPq 14/2008, 2008-2010) e o de Iniciação Científica (Edital MCT/CNPq nº 01/2007, 2007-2010). Participaram desta pesquisa coletiva Enrico Spaggiari, Guilherme A. Aderaldo, Natália H. Fazzioni, Bianca B. Chizzolini, Bruno Puccinelli, Wesley E. Rodrigues, Júlio C. Talhari e Laís Silveira; já colaboraram: Giancarlo M. C. Machado, Inácio C. D. de Andrade, Isadora Z. da Fonseca, Karina Fasson, Juliana B. Cunha, Marina R. de O. Saraiva, Jessica Sklair, Carlos F. R. Aquino, Daniel de Lucca R. Costa, Marina A. Capusso, Paula S. D. Faria e Fábio C. Julião. Todos fazem ou já fizeram parte do GEAC.
5. Ainda que não tenhamos esgotado os temas, que serão eventualmente contemplados em futuras publicações.
6. Como lembra Gilberto Velho (1981 [1978], p. 131), “Ao estudar o que está próximo, a sua própria sociedade, o antropólogo expõe-se, com maior ou menor intensidade, a um confronto, com outros especialistas, com leigos e até, em certos casos, com representantes dos universos de que foram investigadores, que podem discordar das interpretações do investigador”. Não entrarei aqui nos questionamentos contemporâneos sobre os conceitos de cultura ou sociedade, já que prioritariamente me refiro a alguma esfera mais abrangente na qual no caso o antropólogo se insere.
7. Ver mais detalhes a respeito em Frúgoli Jr. (2009, p. 53).
8. Ao longo dessa introdução e em todos os artigos, o termo *cracolândia* (bem como *noia*) aparecerá em itálico ao invés de entre aspas, pois nesses casos nos referimos à mesma como uma categoria analítica, elaborada a partir dos múltiplos modos que os agentes a acionam, a depender de dimensões situacionais e relacionais do contexto pesquisado. Em outros casos (entre aspas ou mesmo sem aspas), referimo-nos diretamente a falas dos nossos interlocutores.
9. Ver nesse sentido como tais argumentos se revelam na descrição etnográfica de Taniele Rui (2012, p. 207-208): “O cansaço era real. Uma única ida à ‘cracolândia’ paulistana, a mais famosa territorialidade de uso de crack do país, já dá uma pequena mostra da quantidade de situações que acontecem num espaço curto de tempo, bem como dos diversos tipos de associação e

interação que marcam o cotidiano desses usuários: negociações ora hostis, ora amigáveis com os comerciantes locais, grande assédio de instituições, heterogeneidade maior dos usuários e traficantes de crack, que, por outro lado, diferentemente do Paranapanema, mais frequentemente se confundem, tensa convivência com as diversas polícias (civil, militar, guarda metropolitana e, até, seguranças privados). São apenas breve parcela de uma série de outros atores sociais que, cada um a seu modo, também assombam, circundam e constituem toda a região. A lista segue: moradores do local, das imediações e das pensões, comerciantes e frequentadores do bairro, transeuntes, trabalhadores dos arredores, profissionais de imprensa, estudantes realizando os mais diversos trabalhos de conclusão de curso (inclusive eu), membros de várias instituições religiosas, fiscais da prefeitura, associações civis de moradores e comerciantes, ONGs, grupos de artistas e suas intervenções, urbanistas, movimentos sociais de luta por moradia, defensores dos direitos humanos, serviços públicos de saúde e de assistência, PCC, interesses político-eleitorais, construtoras imobiliárias, investidores internacionais”.

10. Ainda são bastante referenciais as palavras de Lévi-Strauss (1996 [1955], p. 91 e 92) sobre São Paulo (e outras cidades do Novo Mundo) – “... são construídas para se renovarem com a mesma rapidez com que foram erguidas, quer dizer, mal” [...] “são cidades com ciclo de evolução curtíssimo, comparadas com cidades de ciclo lento” –, ainda que o antropólogo não tenha se aprofundado no estudo das cidades (MAGNANI, 1999; AGIER, 2011, p. 37). É impossível fazer aqui uma reconstituição de trabalhos significativos nas ciências sociais que tomam o centro de São Paulo como questão relevante, cabendo mencionar (sem esgotar) alguns referenciais: Perlongher (1987), Arantes (2000), Gregori (2000) e Kowarick (2007). Para balanços mais abrangentes sobre a produção antropológica e sociológica brasileira voltada a espaços urbanos, ver Eckert (2010) e Frehse e Leite (2010).

11. Não há como abarcar tão intensa produção, que vão de estudos clássicos (MACEDO, 1979; MAGNANI, 1984; CALDEIRA, 1984) a produções profícuas mais recentes (TELLES; CABANES, 2006; ALMEIDA; D’ANDREA; DE LUCCA, 2009; FELTRAN, 2011; NASCIMENTO, 2012). Também não abordarei aqui a complexificação das relações entre centro e periferia (MARQUES; HAROLDO, 2005), dado que a região da Luz localiza-se na área central bem como abarca dimensões urbanas e simbólicas que lhe conferem uma significativa centralidade, mesmo aceitando que haja dimensões pesquisadas que a aproximariam, em certos aspectos, de temas estudados em áreas mais periféricas.

12. Feito para a disciplina “Métodos em Antropologia”, sob orientação de Ana Lúcia P. Schritzmeyer (que ministrou tal disciplina).

13. Que anteriormente já havia realizado pesquisa de iniciação científica sobre o Shopping Frei Caneca (2011). Bruno Puccinelli foi também autor, em parceria com Karina Fasson, de “Pensando o crack na cidade de São Paulo: cracolândia, intervenções públicas, saúde e marginalização” (com base nos levantamentos do material de imprensa feitos pelo GEAC para a presente pesquisa), que concorreu em 2010 no IX Concurso Nacional de Monografia sobre Drogas, promovido pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Brasília), tendo obtido o 2º lugar (à espera, a partir de então, de alguma divulgação por parte do governo federal, que detém os direitos de publicação).

14. Atreladas ao projeto mencionado na nota 4 (Edital MCT/CNPq nº 01/2007, 2007-2010), intitulado “Consumo cultural no bairro da Luz (São Paulo): questões em torno do enobrecimento”. Também participou desse projeto Paula de S. D. Faria. Julio Talhari, atualmente no mestrado, faz um estudo etnográfico sobre o público frequentador da Pinacoteca.

15. Sob a orientação de Silvana Rubino (UNICAMP).

16. Participaram nas etapas iniciais da presente pesquisa: Carlos F. Aquino (2010), sobre práticas e representações de movimentos de luta por moradia de grupos atuantes no centro de São Paulo; Daniel De Lucca (2011), a respeito de múltiplos agenciamentos em torno da população de rua das

áreas centrais paulistanas; Marina A. Capusso (2008), que realizou uma etnografia sobre o Forum Centro Vivo.

17. Com base em diversas matérias publicadas nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo ao longo de jan./2012. Sobre avaliações dos impactos de tais eventos, agradeço pela participação de Taniele Rui, Mariana Cavalcanti e Antônio Rafael Barbosa em fórum que coordenei na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia (São Paulo, jul./2012), intitulado “Questões em torno da chamada cracolândia”, bem como a Mariana Cavalcanti pela parceria numa Sexta do Mês (PPGAS/USP) em ago./2012, chamada “Espaço urbano, drogas e territorialidade”.

18. Ver detalhes em <http://www.novaluzsp.com.br/> (acesso em 28/3/2012).

19. Para uma análise sistemática sobre requalificação e o léxico correlato, ver Frúgoli Jr. (2000) e Peixoto (2009).

20. Ver como isso aparece, por exemplo, no estudo historiográfico de Guimarães (1977).

21. Tal como é feito, sem esgotar os exemplos, nos trabalhos de Silva (2000), Kara-José (2007) e Moreira (2008).

22. “... tudo se relaciona às práticas urbanas que se insinuam no interior mesmo dos procedimentos disciplinares descritos por Foucault. De Certeau define bem, neste ponto, um deslocamento decisivo e explícito em relação ao esquema foucaultiano: *Eu gostaria de seguir alguns destes procedimentos – multiformes, resistentes, hábeis e obstinados que fogem à disciplina – sem estar por isso fora do campo em que a mesma se exerce*. De Certeau questionava, então, ao mesmo tempo a posição de Sirius e aquela de um procedimento dilemático obrigado a escolher entre as condições de possibilidade da ação e o estudo das práticas. A atenção ao cotidiano urbano permite, por si só, restituir o espaço vivido e a inquietante familiaridade da cidade” (DOSSE, 2004, p.83-84).

23. O mapa dessa introdução indica apenas a concentração mais numerosa de usuários de crack ao longo da pesquisa, mas evidentemente não cobre os diversos locais onde os mesmos podem ser encontrados, como p. ex. as Praças Julio Prestes e Princesa Isabel, outros pontos da R. Helvétia e, à noite, a confluência das R. Guaianazes e Gusmões (a sudoeste da área demolida interna ao perímetro do Projeto Nova Luz, onde, antes de 2007, predominavam tais concentrações).

24. Para conhecer uma primeira pesquisa mais sistemática sobre o tema, ver Mingardi e Goulart (2001).

25. *Noia* deriva de paranoia, com referência a um estado mental decorrente do uso regular do crack.

26. Conforme entrevista com liderança da mesma.

27. Ver detalhes em <http://apropriacaodaluz.blogspot.com.br/> (último acesso em 20/12/2012).

28. Como a demolição em 2010 de um shopping de confecções (onde antes funcionara a antiga rodoviária da cidade) para a futura construção de um complexo cultural, amplamente abordada pela grande imprensa na época (ver no mapa a área demolida externa ao perímetro do Projeto Nova Luz).

29. Todos os participantes (atuais e anteriores) estão mencionados na nota 4.

---

## RESUMOS

Apresentação de pesquisa coletiva cujos principais resultados fazem parte do dossiê “Luz, São Paulo”, com menção inicial ao Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade, cuja dinâmica inspirou a realização de práticas partilhadas de pesquisa, voltadas ao contexto em questão. Trata-

se de uma localidade caracterizada por integrar a área central paulistana, com uma densidade significativa de processos e olhares disciplinares, o que justificou um conjunto de recortes etnográficos, com atenção a práticas espaciais de seus residentes, ações de entidades sociais voltadas a usuários de crack e a outros atores sociais vulneráveis, usos de suas principais instituições culturais e formas de lazer e interação ligados à música, à busca de um conhecimento mais abrangente do que a polaridade Nova Luz-cracolândia costuma sugerir.

Presentation of the collective research whose main results can be found in the dossier “Luz, São Paulo”, with initial mention for the Anthropology of the City Study Group (GEAC), whose dynamics inspired the shared practices of the research, directed to the context in question. It is a space characterized by being part of the central area of São Paulo, with a significant density of processes and studies. These justify a set of ethnographic snapshots, paying particular attention to the spatial practices of its residents, social organizations focusing on users of crack and on other vulnerable social actors, the use and representations of people who go to cultural institutions in the area, and leisure and interaction connected to music, in a search for deeper knowledge than the picture that the polarity between Nova Luz (New Luz project) and cracolândia (crackland) usually suggests.

## ÍNDICE

**Keywords:** uses of the space, territoriality, central region

**Palavras-chave:** usos do espaço, territorialidade, região central

## AUTOR

**HEITOR FRÚGOLI JUNIOR**

Professor Doutor do Departamento de Antropologia da USP